

GENTE

João Fernandes

Na obra de Luís Campos, a fotografia é utilizada como um registro de realidades tão conhecidas quanto ignoradas. Se a cultura contemporânea reconfigura o real a partir da sua imagem, explorada como possibilidade de espectacularização das suas evidências, Luís Campos contrapõe à condição da imagem como espectáculo esse inicial poder da fotografia de destruir a ignorância e de ampliar o conhecimento da condição humana através da escolha de temas, pessoas e de situações que quebram os tabus da não representabilidade pela sua óbvia exclusão das imagens dominantes do nosso tempo. Revelar continua a ser um verbo transitivo na fotografia de Luís Campos. Ao revelarem-se, as suas fotografias revelam-nos as imagens do que sabíamos existir mas não procurávamos ou não sabíamos ver, condicionados no desejo do olhar por retóricas sociais que nos domesticam o que vemos.

“Transurbana” é um projecto fotográfico de Luís Campos realizado em 1994, constituído por diversos trípticos de fotografias montadas sobre alumínio, nos quais encontramos retratos de pessoas anónimas enquadradas em não menos anónimos contextos suburbanos da região de Lisboa. A tradição formal e religiosa do tríptico encontra-se subvertida por uma relação de identidade e de indiferenciação. Esta relação exemplifica a rotina da integração dos habitantes de uma cidade nos espaços aparentemente neutros que esta lhes apresenta como territórios impessoais. O processo fotográfico permite a revelação de pessoas e paisagens que os ritmos contemporâneos vulgarizam e invisibilizam. São pessoas retratadas numa situação fugaz que lhes interrompe o quotidiano mas não lhes desmente o quotidiano. Gente “de todos os dias”, mas não gente banal. Só é banal quem se deixa canibalizar pela banalidade que lhe impõem, como todos sabemos no nosso íntimo. Cada figura é como um pronome indefinido que no entanto especifica, humaniza os contextos nos quais se integra.

Estes retratos documentam um tempo preciso, assim como locais específicos, se bem que nos surjam como intemporais por sabermos que em todas as cidades contemporâneas poderão existir locais assim e pessoas assim. Ou então, porque a sinceridade dos retratados os fará sobreviver às modas que modificarão os penteados e as formas de vestir, às novas arquitecturas que lhes transformarão a cidade onde vivem e trabalham. Confrontamo-nos neles com essa intemporalidade de uma condição humana construída pela sua própria efemeridade e fragilidade. Como numa fotografia de Thomas Ruff, são monumentalizados pelos seus retratos, mas também como numa fotografia de Walker Evans, são reinvestidos dessa condição do humano que os torna únicos por assumirem essa dignidade com que enfrentam, não só o artista, mas todos aqueles que os venham a ver no futuro. Todos aqueles que eles jamais conhecerão. Gente como eles.

PEOPLE

João Fernandes

In Luís Campos' work, photography is used as a way of recording realities that are as well-known as they are ignored. While contemporary culture reconfigures the real from its own image, explored as the possibility of turning its evidence into something spectacular, Luís Campos counters the condition of the image as a spectacle with that initial power that photography has to destroy ignorance and expand our knowledge of the human condition through the choice of themes, people and situations that break the taboos of non-representability through their obvious exclusion from the dominant images of our time. "Reveal" continues to be a transitive verb in Luís Campos' photography. Through their being revealed, his photographs reveal to us the images that we knew existed but that we were either not looking for or did not know how to see, conditioned as we are in our desire to look for the forms of social rhetoric that help us to bring what we see under our control.

"Transurban" is a photographic project produced by Luís Campos in 1994, composed of various triptychs of photographs mounted on aluminium, in which portraits of anonymous people are framed in no less anonymous suburban contexts from the Lisbon region. The formal and religious traditions of the triptych are subverted by a relationship of identity and by a lack of differentiation. This relationship exemplifies the routine of integrating the inhabitants of a city into the apparently neutral spaces that are presented to them as impersonal territories. The photographic process allows for the revelation of people and landscapes that have been made commonplace and invisible by contemporary rhythms. These are people portrayed in a fleeting situation that interrupts their daily life but that does not deny it to them. "Everyday" folk, but not banal folk. People are only banal when they allow themselves to become cannibalised by the banality that is imposed upon them, as we all know deep down inside. Each figure is like an indefinite pronoun that does, however, specify and humanise the contexts into which they have been integrated.

These portraits document a precise time, as well as specific places, although they appear to us as timeless because we know that in all contemporary cities there may well exist places like this and people like this. Or else, because the sincerity of those portrayed will cause them to outlive the fashions that will change their hairstyles and their ways of dressing, as well as the new architectures that will transform for them the city in which they live and work.

In them, we are confronted with this timelessness of a human condition that is built upon its own ephemerality and fragility. As in a photograph by Thomas Ruff, his portraits are turned into monuments, but also, as in a photograph by Walker Evans, they are re-endowed with that condition of being human that makes them unique by assuming that particular dignity with which they face not only the artist, but all those who may come to see them in the future. All those who they will never know. People like them.